

Barbara Cassin em entrevistas¹

Apresentação, transcrição e tradução de Ivi Villar²
Universidade Federal de Santa Catarina



Barbara Cassin. Foto: © Sébastien Dolidon.

Filósofa e filóloga francesa, Barbara Cassin nasceu em 1947, em Boulogne-Billancourt, nos arredores de Paris. Helenista, especialista em grego antigo e discursos da modernidade, dedicou-se por vários anos à retradução em francês de alguns dos principais textos filosóficos do grego antigo – obras que remontam à fundamentação de todo o pensamento filosófico ocidental – de Homero, Parmênides, Górgias, a Platão e Aristóteles. Tal empreitada, segundo a filósofa, rendeu-lhe algumas percepções e insights para (re)pensar o conceito e a prática da tradução, como veremos nas duas entrevistas aqui transcritas e traduzidas para o português. Como especialista em línguas, Cassin vem desenvolvendo um dos mais reconhecidos pensamentos sobre a linguagem contemporânea e foi, em maio de 2018, a nona mulher a entrar para a Academia Francesa de Letras.

¹ As duas entrevistas aqui apresentadas, concedidas respectivamente ao canal da *Radio France Internationale- rfi* (2019) e ao blog do jornal *Le Monde* (2018), foram retiradas do canal youtube de ambas. Para assuntos de copyright, entende-se tratar aqui de conteúdo de “uso aceitável”, de acordo com as normas explicitadas pelas diretrizes divulgadas no site youtube em <https://www.youtube.com/about/copyright/fair-use/#yt-copyright-four-factors>, devido ao caráter não comercial da revista *Qorpus*, veiculando conteúdo de interesse acadêmico.

² Doutoranda no Programa em Estudos da Tradução (PGET) na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: ivivillar@gmail.com.

Seu trabalho repensa o valor da tradução enquanto “*savoir-faire* com as diferenças”³, e coloca a prática tradutória como um ato essencialmente político. Cassin retraduz o conceito de intraduzibilidade propondo um deslocamento da ideia de tradução, saindo de uma estratégia de reação ao pensamento hegemônico, universalista e excludente, para uma estratégia de resistência à exclusão: faz o elogio da diferença, do múltiplo, da aceitação das diferenças e da não-hierarquização das línguas.

Com a publicação de seu *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*⁴ (2004), Cassin passa a defender a diversidade das línguas frente a generalização de um inglês simplificado, puramente comercial e comunicativo, “bem diferente da língua de Shakespeare”⁵, ao qual dá o nome de *globish*. Esta publicação, segundo a autora, reuniu 150 tradutores pesquisadores ao redor do mundo. De cunho filosófico, o Dicionário apresenta a tradução sob nova perspectiva: não oferece a “melhor tradução” ou a “tradução correta” das 1500 palavras ali colocadas frente à dificuldade tradutória mas, ao contrário, evidencia discordâncias e diferenças: os “intraduzíveis” são “não o que não se traduz, porque traduzimos tudo” diz a autora, “mas o que não cessamos de (não) traduzir”⁶.

O abecedário de Barbara Cassin

Entrevista concedida à *RFI (Radio France Internationale)*⁷

A filósofa Bárbara Cassin entrou este mês para a Academia Francesa de Letras, ocupando a cadeira 36, que pertenceu a La Bruyère. Principal tarefa de todo.a acadêmico.a: trabalhar no Dicionário e contribuir para o enriquecimento da Língua Francesa.

A: como... “ACADEMIA”

CASSIN: A “Academia” é a escola de Platão, começa assim, já. Platão era acadêmico, Sócrates também; depois, a Academia Francesa na qual, com efeito, acabo de entrar. E é

³ CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction. Compliquer l'universel*. Paris : Fayard, 2016. p.17.

⁴ CASSIN, Bárbara et al. *Vocabulaire européen des philosophies : Dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Le Seuil/Le Robert, 2004. Publicado no Brasil pela Autêntica editora como: CASSIN, Barbara. *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*: vol.1. Org. Fernando Santoro, Luísa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

⁵ CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction. Compliquer l'universel*. Paris: Fayard, 2016.

⁶ CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction. Compliquer l'universel*. Paris: Fayard, 2016, p. 49.

⁷ Entrevista publicada on-line em 10/2019. Disponível em francês, no canal youtube da *RFI*: <https://www.youtube.com/watch?v=JGJzTF2-5P4> . Acessado pela última vez em 06/05/2020.

engraçado, porque “Academia” diríamos que é alguma coisa acadêmica, ou seja, um pouco rígido, um pouco antiquado mesmo. E depois eu me dou conta que é mais como uma verdadeira companhia. Aliás, ela se chama “companhia”; foi fundada desta forma por Richelieu.

B: como... “BÁRBARO”.

CASSIN: B, como Bárbaro! Então, “bárbaro” é uma palavra que eu amo muito. Primeiro, porque tem a ver com o meu nome, Bárbara; e porque quer dizer blábláblá. Me cai muito, muito bem. É uma onomatopeia que os gregos empregavam para dizer que, realmente, aquele que falava ali eles não entendiam. Então faziam “blblbl”, “balbucios”, “babel”, “barulhos”, ou o que você quiser deste gênero. Eu acho que é uma palavra bem tocante, uma vez que ela diz o outro, quando ele não é compreendido.

I: como... INTRADUZÍVEL

CASSIN: I como “intraduzível”: Eu fiz um dicionário dos intraduzíveis. É loucura! E além disso, um dicionário de filosofia. Este dicionário dos intraduzíveis interessa-se não pelo que não se traduz, por que traduzimos tudo, mas pelo que faz parar; por estas notas de rodapé dos tradutores, onde os tradutores não param de explicar *como, porque, isso não dá conta totalmente, etc.* Então, um intraduzível não é o que não se traduz, é o que não cessamos de traduzir. A partir daí, podemos nos instalar na tradução definitivamente, ou seja, no que há entre as palavras e o que acontece quando tentamos passar de uma língua a outra. Quer dizer: de uma visão de mundo a outra. É por isso que me interessa pelos intraduzíveis.

V: Como... VERDADE.

CASSIN: V como “verdade”, esta é *a* palavra da filosofia. É a grande palavra dos filósofos. E mais, quando eles conseguem pôr uma maiúscula, ficam contentes demais. Eu não me interesso pela Verdade, isso me deixa mesmo terrivelmente amedrontada. Interesso-me pelas verdades com um “v” minúsculo, ou seja, no fundo, à diferença de perspectivas; à diferença de pontos de vista. Jacques Lacan, o psicanalista, tem uma modulação muito bonita. Ele fala de “*veurité*” [algo como “veurdade”], com um pequeno “e” não pronunciado que adquire o som “a”. *veurité, vardade, verdade, variedade...* É isso! Isto é o que me interessa mais. Como variam as verdades.

“É preciso lutar contra este inglês simplificado que formata o pensamento”⁸

Eleita para a Academia Francesa de Letras em 03 de maio (2018), Barbara Cassin explica porque é preciso não ceder ao “global english”, uma língua inglesa simplificada que veicula, segundo ela, valores contestáveis. Não se trata de protecionismo da língua, mas ao contrário, de uma vontade de defender a diversidade e de lutar contra o “ranking” (classificação) e a “formatação do pensamento”. “Não há uma linguagem”, explica a filósofa, “mas línguas”. Contra este pensamento único, uma arma eficaz e bela: a tradução.

O *globish*, o que é?

CASSIN: O *globish* é uma palavra inventada por Jean-Paul Nerrière, que foi engenheiro de alto nível, o segundo talvez, na IBM; e quer dizer *global english*, o inglês do mundo inteiro. Porque é um inimigo? Não é um inimigo simplesmente. Quer dizer que, evidentemente, precisamos de uma língua de comunicação, nós sempre precisamos. Mas, se ela toma o lugar das línguas em geral, se faz com que seja a única língua falada no mundo, a única maneira de se comunicar, aí isso se torna um pouco perigoso.

Os anglicismos, é *globish*?

CASSIN: O *globish* não tem nada a ver com o fato de utilizar anglicismos, certamente! Toda língua se enriquece com as outras, e podemos dizer em francês *water-closet aux chiottes*; enfim, flui bastante livremente. Mas, por outro lado, o *globish* tem a ver com uma formatação do pensamento.

Onde se fala o *globish*?

CASSIN: Nós o encontramos, na minha opinião, na mania e na onipresença do *ranking*, da classificação; e a classificação é o que fabrica nosso mundo atual. Em particular com o Google, por exemplo; o mundo Google é um mundo que classifica. Mais você clica, mais sobe. Há um algoritmo que faz isso. Quer dizer que a qualidade se torna uma propriedade emergente da quantidade. E isso, o *ranking*, esta performance, esta preocupação com a performance é, na minha opinião, trágica. Quando eu preenchi a

⁸Entrevista concedida ao jornal *Le Monde*, em 02/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-1NgtHXwZd4> Acessado pela última vez em 01/05/2020.

documentação para ser financiada, pessoalmente, havia três páginas inteligentes. O resto era blábláblá administrativo, e era blábláblá *globish*.

Qual é o antídoto para o *globish*?

CASSIN: Para mim, o verdadeiro antídoto para o *globish*, – nós o deixamos neste domínio com suas funcionalidades – mas, o verdadeiro antídoto é a tradução. As línguas fazem mais do que comunicar, são línguas de culturas que contêm nelas uma história de textos que se construíram e que compreendem alguma coisa, ou que fazem compreender alguma coisa da ordem de uma apreensão do mundo. Quando lhe digo *bonjour*, eu lhe desejo um bom dia [*une bonne journée*], mais ou menos como *good morning*; isso funciona. Mas se eu lhe digo *shalon*, ou se digo *salam*: eu lhe desejo paz, mas não é a mesma maneira de abrir o mundo. Acho que conheço línguas antigas, são estas que me interessaram muito. Em grego antigo dizia-se *Kairé*, isso queria dizer alegre-se, aproveite! E em latim dizia-se *vale!* comporte-se bem! Eis maneiras diferentes de abrir o mundo. Eis o que chamo visões de mundo, construções que são... se você quiser... é uma certa relação que está contida no que a língua traz. É evidentemente uma ligação com a diversidade ao invés de dizer “há a linguagem”, e não “há línguas”. E este “línguas”, no plural, é apaixonante!

REFERÊNCIAS

CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction. Compliquer l'universel*. Paris : Fayard, 2016.

CASSIN, Bárbara et al. *Vocabulaire européen des philosophies : Dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Le Seuil/Le Robert, 2004.